



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1378

DO RAP À LITERATURA: O DISCURSO E A MENTALIDADE DA PERIFERIA NO LIVRO 'A GUERRA NÃO DECLARADA NA VISÃO DE UM FAVELADO', DO RAPPER MANO EDUARDO – FACÇÃO CENTRAL

Luiz Gustavo Cossari
(Universidade Estadual de Londrina)

Resumo. Em 2012, o *rapper* paulistano conhecido como Mano Eduardo, ex-MC (mestre de cerimônias) do grupo de *rap* Facção Central, publicou seu primeiro livro. Intitulado “A guerra não declarada na visão de um favelado”, mantém o teor radical e panfletário, a agressividade e a denúncia da exclusão, miséria e da violência como forma de resistência, características marcantes das canções do grupo que chegou a ter o videoclipe “Isso aqui é uma guerra” apreendido pelo Ministério Público de São Paulo por apologia ao crime. Abordando temas como criminalidade, violência, policial ou não, opressão, falta de oportunidades, cotidiano violento das periferias, desigualdade, corrupção, a falta de oportunidades e o desamparo estatal para com as populações menos favorecidas.

Para essa tarefa contaremos com as reflexões, referências teóricas e metodologias contidas no livro *A Cultura da mídia*, de Douglas Kellner, que nos capítulos *O rap* e o discurso negro radical e *Resistência*, contra-hegemonia e dia-a-dia, onde o autor analisa a cultura *hip-hop* e suas expressões como veiculação de discursos de identidade, autoafirmação, autoestima, autodeterminação e resistência, bem como forma de dar voz aos grupos marginais da sociedade americana.

O objetivo é analisar a narrativa do livro, um manifesto de 614 páginas, no qual através da literatura, o músico expressa suas reflexões, visão de mundo e opiniões políticas que, além de constituir uma expressão de sua mentalidade e a ideologia, pretender dar voz, através de seu discurso, àqueles que, na margem da sociedade, quase nunca são vistos, ouvidos ou lembrados pela sociedade e autoridades.

Palavras-chave: Rap; mentalidade; política; narrativa; violência.

Financiamento: CAPES.

Do rap à literatura: O discurso e a mentalidade da periferia no livro “A guerra não declarada na visão de um favelado”, do rapper Mano Eduardo – Facção central.

No presente trabalho pretendemos expor, analisar e contextualizar o pensamento político, artístico, a mentalidade e o discurso presentes na obra de Carlos Eduardo Taddeo presentes em alguns álbuns do grupo de rap Facção Central, ao qual pertenceu do início da década de 1990 até 2013, bem como em seu livro publicado em 2012, “A guerra não declarada na visão de um favelado”.

O grupo de rap Facção Central, formou-se na região central de São Paulo, nos bairros de Glicério, Cambuci e Ipiranga, no ano de 1989. Depois de pouco tempo, dois integrantes fundadores Nego e Jurandir deixaram o grupo, sendo substituídos pelos interpretes e compositores Dum-dum e Eduardo (Carlos Eduardo Taddeo, autor do livro aqui abordado). Logo o DJ Garga também deixaria o grupo, sendo substituído por Erick 12. Assim, o grupo assumiu sua formação mais conhecida e que viria a produzir diversos álbuns de estúdio, dentre eles: Juventude de Atitude (1994), Estamos de Luto (1998), Versos Sangrentos (1999), A Marcha Fúnebre Prossegue (2001), Direto do Campo de Extermínio (2003) e O Espetáculo do Circo de Horrores (2006). O conteúdo dos álbuns segue o estilo conhecido como *gangsta rap*, predominando as batidas fortes, lírica agressiva e contestadora com letras de denúncia, protesto e muitas vezes tendo a violência e a criminalidade como tema. Para pensarmos esta manifestação cultural e midiática, podemos fazer um paralelo com a análise do rap e do discurso negro radical nos EUA como crítica social e ação política, por Douglas Kellner, no capítulo A voz negra: de Spike Lee ao rap, em seu livro A Cultura da Mídia:

Os músicos negros do rap e os cineastas negros têm utilizado a cultura da mídia para expressar sua visão sobre a sociedade americana contemporânea, usando a mídia para resistir à cultura de opressão racial existente nos Estados Unidos e para exprimir suas próprias formas de resistência e identidade contestadora [...] A cultura da mídia reproduz as lutas e os discursos sociais existentes, expressando os medos e os sofrimentos da gente comum, ao mesmo tempo que fornece material para a formação de identidades e dá sentido ao mundo. Quando os membros dos grupos oprimidos têm acesso à cultura da mídia, suas

representações muitas vezes articulam visões outras da sociedade e dão voz a percepções mais radicais. (KELLNER, 2001, p. 203).

O grupo Fação Central ganhou notoriedade na mídia nacional no ano de 2000, após o lançamento do álbum Versos Sangrentos e a subsequente gravação e veiculação do videoclipe “Isso aqui é uma guerra”, com uma letra forte e retratando a condição de pobreza dos habitantes da periferia, bem como a falta de perspectiva de vida e a conseguinte possibilidade da prática criminal. Os personagens interpretados pelos próprios músicos (Erick-12, Dum-dum e Eduardo), se encontram na periferia da cidade e saem rumo aos bairros nobres para cometer crimes como assalto a banco, invasão de domicílio, sequestro relâmpago e até homicídios e, no desfecho, terminam mortos ou presos. Após ser exibido seis vezes no canal MTV, o videoclipe foi impedido de ir ao ar, com a fita sendo apreendida na sede da MTV, bem como a conseguinte impedimento da circulação do álbum Versos Sangrentos, com a matriz sendo também apreendida na gravadora Five Special, após ação do juiz “Maurício Lemos Porto Alves, do Departamento Técnico de Inquéritos Policiais e Polícia Judiciária, determinou a apreensão na MTV da fita original do videoclipe da música ‘Isto é uma Guerra’, da banda de rap Fação Central, vetando sua exibição” (Fabiane Leite, 29 de Julho 2000, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u1598.shtml>), por entender que o videoclipe era uma manifestação de apologia ao crime, tendo sido posteriormente instaurado um inquérito policial.

Este episódio provocou grande repercussão, de forma que, no mesmo ano de 2000, foi ao ar no programa A casa é sua, da emissora RedeTv, apresentado por Sonia Abraão, uma entrevista e debate entre os três integrantes do grupo, o diretor do videoclipe, o dono da gravadora e o promotor de justiça Carlos Cardoso, assessor de direitos humanos do procurador geral de justiça do Ministério Público de São Paulo. O promotor afirmou em sua fala que a decisão do Ministério Público foi tomada após a análise do videoclipe cena por cena por uma equipe de

promotores, que concluíram que o videoclipe era uma manifestação do delito de apologia ao crime, pois segundo ele, a relação letra/videoclipe, poderia ser entendido como “um manual do crime e alimenta a cultura da violência, por mostrar crimes como latrocínio, homicídio e sequestro como caminhos válidos para o jovem negro e de periferia, disseminando o preconceito e estigmatizando os jovens de periferia como potenciais criminosos”. Para pensar melhor o impacto das letras de *rap* sobre a reação da sociedade, de forma que, como lembra Kellner

“a histeria é sinal claro de pânico do público diante do aumento da criminalidade e da transformação do *rap* em bode expiatório causador do aumento da violência e dos distúrbios. Também é sintomática a negatividade com que são vistos os jovens negros na sociedade americana contemporânea; sem dúvida, eles constituem o grupo mais estigmatizado da atualidade.” (KELLNER, 2001, p. 250).

Já os *rappers* Eduardo e Erick-12 argumentaram que até o momento de exibição do videoclipe o álbum já havia vendido 12 mil cópias e que não é nada mais que um retrato da realidade da favela, sendo a violência ali exibida de mesmo teor que a violência contida em programas de jornalismo policial como Cidade Alerta e Alborghetti. Fazemos referência aqui a uma reflexão de Douglas Kellner a respeito da relação do *rap* a cultura dominante e suas expressões, de forma que:

“O *rap* ataca sistematicamente a cultura da mídia, enquanto contribui para o desenvolvimento de uma cultura alternativa. Na verdade, de certo modo o *rap* encarna o que Herbert Marcuse (1964) descrevia como ‘a grande recusa’, recusa de submeter-se à dominação e à opressão. [...] Nos últimos anos, houve debates [...] após o suposto louvor à formação de gangues, à violência e às drogas por parte dos *rappers*. Na verdade há casos em que essas coisas são elogiadas ou consideradas naturais [...]. Quando [...] adotam palavras como ‘*gangsta*’ e metáforas referentes a formação de gangues, muitas vezes estão se referindo a seu próprio grupo. Como notamos, há um forte componente de identificação grupal no *rap*, onde é possível encontrar a própria identidade dentro de comunidades mais amplas.” (KELLNER, 2001, pp. 237-239).

Eduardo em sua fala, rebateu a crítica quanto ao racismo argumentando que os bandidos no videoclipe eram três brancos e três negros, e quanto a ser o crime um caminho válido para o jovem de

periferia, ele nega, afirmando que os criminosos no clipe acabam mortos ou presos. Eduardo prossegue em sua fala explicitando que a intenção da letra era a de mostrar a revolta de alguns moradores da periferia e alertar a sociedade para o sofrimento e a exclusão presentes na periferia, no minuto 18 da entrevista: “não adianta o rico se esconder atrás de carro blindado e segurança, que se você não ajudar quem passa fome e necessidades, um dia a violência chega até você. Pois quem está esquecido, sem perspectiva de vida e sem auxílio é um prato cheio para virar bandido”. Já o diretor Dino Dragone do videoclipe argumenta que se trata de um filme e que a música é o roteiro, reiterando, assim, o caráter meramente artístico do videoclipe. Para analisar o papel da violência explícita como tema de músicas de *rap*, fazemos referência à análise de Douglas Kellner a respeito do surgimento do *hip-hop* nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980 – “marcadas pelo declínio das condições de vida e expectativas dos negros” (KELLNER, 2001, p. 231), como forma de expressão do cotidiano dos moradores de guetos e das pessoas pobres, com deterioração da qualidade de vida marcada pelo

“aumento da criminalidade, uso de drogas, a gravidez na adolescência, a AIDS, as doenças sexualmente transmissíveis, as gangues e a violência urbana. O *rap* transmitia as experiências e as condições dos americanos negros que viviam em guetos violentos e, assim, se transformou num poderoso veículo de expressão política, traduzindo a raiva dos negros diante da crescente opressão e diminuição das oportunidades de progresso, quando a simples sobrevivência passou a ser um grave problema. A música tocava numa corda sensível, e as gravações de *rap* estavam nas paradas de sucesso levando as gravadoras a produzirem cada vez mais esse tipo de música. N.W.A., Public Enemy, Ice-T, Ice Cube (todos influenciados do Facção Central) [...] ganharam notoriedade e fama com suas composições cada vez mais radicais, chocantes e às vezes ultrajantes”. (KELLNER, 2001, p. 231).

Podemos fazer um paralelo com o contexto histórico de surgimento e produção artística do Facção Central – e de dezenas de outros grupos de *rap* no Brasil dos anos 1990, como Racionais MCs, MV Bill, 509-E, Trilha Sonora do Gueto, Realidade Cruel, Sabotage, etc. Todos eles, em suas letras marcantes e as vezes agressivas, enfatizam a crescente onda

de violência, criminalidade, exclusão, abandono e miséria a que as populações menos favorecidas estavam vulneráveis em um Brasil recém saído de uma ditadura militar, governado por um partido neoliberal e enfrentando uma crise econômica que forçou a tomada de empréstimos junto ao FMI. Somando-se a isso a falta ou a ineficiência de insípidos programas sociais e de inclusão econômica, quadros elevados de trabalho infantil e evasão escolar. Ainda por cima, o alto índice de criminalidade e o latente histórico de grandes chacinas, policiais ou não, nas grandes cidades brasileiras, e também no campo¹.

No *website* oficial do grupo, na seção biografia do grupo, encontra-se mais informações a respeito da trajetória do Facção Central após a censura:

Após a censura do videoclipe do grupo no disco *Versos Sangrentos*, o Facção lançou o álbum *A Marcha Fúnebre Prossegue*, que inicia-se com uma introdução a notícia da censura, dada em vários tele jornais com os dizeres "Rap que faz apologia ao crime Facção Central", divulgado no Jornal Nacional por Fátima Bernades. Essa introdução é composta por vários "recortes" de noticiários da televisão brasileira. Após a faixa "Introdução", vem em seguida a faixa "Dia Comum" que conta a história do cotidiano das periferias brasileiras e, em seguida a faixa "A Guerra Não Vai Acabar", uma espécie de "carta-resposta" a censura do videoclipe, que inicia-se com uma pesada letra e críticas a promotoria, dizendo "Aí, promotor, pesadelo voltou, censurou meu clip, mas a guerra ainda não acabou; ainda tem defunto a cada 13 minutos dez cidades entre as quinze mais violentas do mundo". Outras críticas seguem no decorrer do álbum. Mais dois discos foram lançados depois de *A Marcha Fúnebre Prossegue*: *Direto do Campo de Extermínio* e *O Espetáculo do Circo dos Horrores*. (Disponível em: <http://faccacentraloriginal.blogspot.com.br/p/biografia.html>).

Em 2012 Carlos Eduardo Taddeo, publicou seu primeiro livro, intitulado "A guerra não declarada na visão de um favelado", o livro de

¹ Massacre do Carandiru (1992) Chacina da Candelária (1993), Massacre de Corumbiara (1995), Massacre de Eldorado do Carajás (1996), dentre outras tantas estatísticas diárias.

614 Páginas e 28 capítulos tem uma prosa fluida e linguagem forte², carregada de gírias e maneirismos, diálogos fictícios e figuras de linguagem, onomatopeias e sonoplastias, características das letras de *rap*. Segundo Kellner,

“uma forma linguística tão complexa exige aprendizado e interpretação dos muitos estratos de significado e significação. [...] resistindo ao significado e à interpretação, o *rap* é, muitas vezes, uma máquina de significados que exige interpretação, multiplica sentidos, significações e mensagens políticas”. (KELLNER, 2001, pp. 245-246).

O livro não conta com todas as normas da ABNT contempladas em sua edição final, nem com referência a editora responsável ou se houve alguma. Na página final consta o informativo “Este livro foi composto em Garamond para Carlos Eduardo Taddeo em 2012. A ficha técnica na folha-de-rosto somente faz referência à arte da capa e a diagramação, bem como os contatos e as formas de venda, através de dois telefones e do *website* www.rapnacional.com.br. O que serve para reforçar ainda mais a figura múltipla e simbiótica de músico, compositor, M.C., escritor, pensador de Eduardo. Apesar de como ele mesmo afirmar que estudou somente até a 5ª série, o livro apresenta informações historiográficas, eventos, personagens, estatísticas, a exemplo do capítulo Estamos em Guerra, As Raízes da Nossa Tragédia Social e O País Pacífico Mais Violento do Mundo, no qual o autor denuncia a exclusão social e econômica que assola as populações marginais, fornece sua perspectiva histórica que explique, em partes, as origens e formas de operar da opressão, segregação social e seus

² “O grupo tem um estilo musical próprio: agressivo, violento, racional-intelectual, demonstração de grande consciência dos problemas sociais. As letras do grupo seguem um violento estilo, entretanto racional, o grupo utiliza a linguagem da periferia, e a linguagem formal, também é comum o grupo utilizar partes de músicas clássicas para iniciarem suas músicas. Dialogam diretamente com vários interlocutores, passando uma mensagem de que o crime não compensa (como no clipe de "Isto Aqui é Uma Guerra"). A religião se faz presente como mediadora, uma metáfora para a violência da Terra, como em "Deus Anda de Blindado" (uma alusão à música de 1996 do grupo Pavilhão 9, "Se Deus Vier, que Venha Armado").” (*In: website* oficial do grupo Fação Central: Disponível em: <http://faccacentraloriginal.blogspot.com.br/p/biografia.html>)

males, como nos capítulos A Aquarela Pós-Colonial e A Torre de Babel Horizontal.

Eduardo discorre também a respeito de diversas leis e demais textos jurídicos, além de uma diversidade de referências a notícias e a mídia em geral, nacional e internacional, como por exemplo no capítulo Agradecendo as Chibatadas, Eduardo aborda a questão das crianças em risco:

“De acordo com o relatório da Unicef; “Situação Mundial da Infância”, simultaneamente, aos nossos gritos de ‘VIVA A NOVA POTÊNCIA GLOBAL’, aproximadamente 11,5 milhões de crianças ou 56% das crianças brasileiras de até 6 anos, vivem em companhia de famílias cuja renda mensal, fica abaixo de meio salário mínimo per capita/mês. [...] Quando vão às ruas, em busca de assinaturas que inflem abaixo-assinados para que a maioria penal seja xerocada do padrão indiano (7 anos de idade), os alvos visualizados são os pequenos descalços, empinando pipas em cima das lajes dos lares inacabados. As legislações específicas planejadas por essas mentes diabólicas, não abrangem os seres visíveis. A verdade, é que nos devaneios de suas psicoses, os membros da classe dominante gostariam de ver em vigor oficialmente no país, dois estatutos diferentes assistindo crianças brasileiras. Gostariam de poder contar com o ECA para os filhos de papai e um sistema rígido, semelhante aos das nações que julgam as crianças pela índole e gravidade do crime cometido, para os que brincam abaixo da linha da indigência. (TADDEO, 2012, PP. 232-234).

Entretanto, o ponto mais interessante é a lírica de sua narrativa. Cada capítulo é como se fosse uma música, uma parte de uma obra maior, que se entrelaça e se completa. Nos fornecendo o histórico de seu aprendizado através de suas vivências cotidianas e reflexões, traumas e situações violentas pessoais ou testemunhadas no cotidiano da periferia. Além de abordar em capítulos inteiros temas como identidade, mentalidade, perspectiva histórica até análises decertas formas psicológicas, como por exemplo, abordando a ganância do capitalismo predatório, o luxo, e a conseguinte paranoia com segurança dos mais abastados, bem como a exclusão, abismo social e passividade e desorganização dos oprimidos.

Eduardo manifesta-se como um favelado semianalfabeto que resolve escrever um livro, para “jogar a sujeira no ventilador” com um propósito somente: revolucionar. Como assinala Kellner:

“Na verdade os *rappers* são os ‘intelectuais orgânicos’ de Gramsci, capazes de expressar as experiências de opressão de sua comunidade e de detectar causas e possíveis soluções para problemas expressos em músicas [...] o *rap* constitui uma resistência [...] que não assume só forma de expressão musical e cultural, mas também formas múltiplas de resistência no dia-a-dia, através da linguagem, do modo de ser, das atitudes e das relações sociais”. (KELLNER, 2001, pp. 247-248).

Assim como Eduardo afirma sobre sua trajetória que, a partir do *rap* - que tanto ensinou onde faltou a escola e trouxe autoestima e identidade onde faltou a cultura, “a minha marcha pessoal contra as desigualdades e injustiças sociais começada no *rap*, dá agora, através da literatura, o seu segundo passo” (TADDEO, 2012, pp. 13). Em março de 2013 Eduardo publica um vídeo no youtube anunciando sua saída do grupo devido a desavenças com os outros membros, desde então, vem percorrendo o país ministrando palestras e divulgando seu livro.

Anexo:

Isso aqui é uma guerra - Facção Central

É uma guerra onde só sobrevive quem atira

Quem enquadra a mansão, quem trafica

Infelizmente o livro não resolve, o Brasil só me respeita com um revólver, aí

O Juiz ajoelha, o executivo chora pra não sentir o calibre da pistola

Se eu quero roupa, comida alguém tem que sangrar, vou enquadrar uma burguesa e atirar pra matar

Vou fumar seus bens e ficar bem louco, sequestrar alguém no caixa eletrônico

A minha quinta série só adianta, se eu tiver um refém com meu cano na garganta

Aí não tem “gambé” pra negociar (liberta a vítima vamos conversar) Vai se ferrar!

É hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar

Não queria cela, nem o seu dinheiro, nem *boy* torturado no cativeiro

Não queria um futuro com conforto, esfaqueando alguém pela corrente no pescoço

Mas Três 57 é o que o Brasil me dá, sem emprego quando o prego de Audi passa

Aperta o *Enter* cuzão e digita esvazia a conta agiliza não grita

Não tem deus nem milagre esquece o crucifixo, é só uma vadia chorando pelo marido

É o cofre versus a escola sem professor

Se for pra ser mendigo, doutor eu prefiro uma Glock com silenciador

Comer sei lixo não é comigo “morô”?

Desce do carro senão tá morto essa é a lei daqui, a lei do demônio

Isso aqui é uma guerra

REFRÃO

Não chora vadia que eu não tenho dó
Dá a bolsa, na moral não resiste ao B.O
Aqui é outro brasileiro transformado em monstro, semianalfabeto armado e perigoso
Querendo sua corrente de ouro atacando seu pulso atacando seu bolso
Pronto pra atirar e pronto pra matar, vai se foder descarrega essa P.T
Mata o filho do Boy como o Brasil quer ver, Esfrega na cara a sua panela vazia
Exige seus direitos com o sangue da vadia, é a lei da natureza que tem fome mata
Na selva é o animal, na rua é empresário, inconsequente, insano, doente
O Brasil me estimula a atirar no gerente, aqui não é novela não tem amor na tela
A cena é triste é solidão na cela
Nem polícia pega boi, senta escrivão, abre a cela carcereiro liberta o ladrão
PM dez de alvará pra liberdade, seu oitão é uma piada “gambé” covarde
Cala a boca e aplaude o resgate, é, cala a boca e aplaude
Boy, quem te protege do oitão na cabeça?
Sua polícia no chão, no D.P sem defesa, rezando pro ladrão ter pena, que pena?
Seu herói pede socorro nessa cena.
Quer seu filho indo pra escola e não voltando morto?
Então meta a mão no cofre e ajude o nosso povo
Talvez a sua mulher agonizando até morrer por que alguém precisava comer
Isso aqui é uma guerra

(Refrão)

Referências bibliográficas:

- LEITE, Fabiane. (29 de Julho 2000). Justiça veta vídeo de rap do grupo Facção Central na MTV Folha online. Acessado em: 20 de Agosto de 2015, 16:00h.) Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u1598.shtml>.
- Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jMtqwyLYp38>. Acessado em: 20 de Agosto de 2015, 15:00h.).
- TADDEO, Carlos Eduardo. Guerra Não Declarada na Visão de Um Favelado. São Paulo: s/ editora, 2012.
- TADDEO, Carlos Eduardo. Isso aqui é uma guerra. In: Versos Sangrentos. São Paulo: Five Special, c1999. 1 CD. Faixa 4. Referência *online*:
<http://www.letras.com.br/#!faccao-central/isso-aqui-e-uma-guerra>. (Acessado em: 20 de Agosto de 2015, 16:15h.).
- Videoclipe: Isso aqui é uma guerra – Facção Central. Direção: Dino Dragone. Produtora: Firma Filmes. São Paulo: 1999. Referência *online*:
https://www.youtube.com/watch?v=dzgZLLn0p_U (Acessado em: 20 de Agosto de 2015, 16:20h.).
- *Website* oficial do grupo Facção Central: Disponível em:
<http://faccacentraloriginal.blogspot.com.br/p/biografia.html> - Acessado em: 20 de Agosto de 2015, 16:00h.).